



UM FRAGMENTO DE FILOSOFIA LUNAR: UNAMUNO, IRMÃO DE PASCAL, E ALGUMAS CRIATURAS DA TRADIÇÃO NOTURNA DA FILOSOFIA

Luiz Felipe Pondé¹



Resumo: O texto visa traçar um paralelo, uma espécie de irmandade, entre dois filósofos bastante afastados no tempo e que se movimentaram em contextos sociais muito distintos: Blaise Pascal e Miguel de Unamuno. Defende-se que o que aproxima ambos é sua filiação a certa filosofia lunar. Tal conceito é elucidado em contraposição ao que seria a filosofia solar. Enquanto esta última seria racionalista, de jaez iluminista, aquela seria um modo de pensamento que, ainda que não necessariamente irracionalista, identifica nos elementos irracionais ou, em todo caso, inescrutáveis, instâncias determinantes da realidade e da condição humana.

Palavras-Chave: Blaise Pascal. Miguel de Unamuno. Filosofia solar. Filosofia lunar. Condição humana.

Abstract: This text aims to draw a parallel, a kind of brotherhood, between two philosophers quite distant in time and who moved in very different social contexts: Blaise Pascal and Miguel de Unamuno. It argues that what unites them is their affiliation with a certain lunar philosophy. This concept is elucidated in contrast to what would be solar philosophy. While the latter would be rationalist, of an Enlightenment nature, the former would be a mode of thought that, although not necessarily irrationalist, identifies irrational or, in any case, inscrutable elements as determining instances of reality and the human condition.

Keywords: Blaise Pascal. Miguel de Unamuno. Solar philosophy. Lunar philosophy. Human condition.

¹ Filósofo, diretor do Laboratório de política, comportamento e mídia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0936609320400529> E-mail: ponde.folha@uol.com.br

Que Dostoievski devolva, àqueles que a perderam pelo uso deturpado da razão, a intuição das terras misteriosas que são a verdadeira pátria do homem; neste momento pediremos aos nossos filósofos que as reencontrem a partir da própria razão.
(Paul Claudel, “Cantique de Palmyre”, *Conversation dans le Loir-et-Cher*)²

Há anos optei por uma filosofia lunar. Na verdade, não foi uma opção, foi um destino. A um temperamento noturno, cabe uma filosofia lunar. E temperamento é destino. E estou feliz com esse destino.

O objetivo desse breve fragmento é identificar elementos dessa filosofia lunar – ou noturna – nos dois “irmãos” citados acima, Pascal e Unamuno, e em outros filósofos noturnos como eles. Não que a filosofia solar – o *mainstream* filosófico por excelência – não seja essencial, apenas não o é para mim – e suspeito que tampouco para os dois “irmãos” –, e como sou eu a escrever essas linhas, que caminhemos pela escuridão da noite.

O crítico literário americano Lionel Trilling, que viveu no século XX, no seu ensaio “Freud e a Literatura” publicado na coletânea *A Imaginação Liberal*,³ descreve Freud como um autor que encontrou um inferno dentro do homem – referindo-se, claro, às pulsões enlouquecidas, ao inconsciente, ao id, às torturas morais do superego, ao mal-estar na civilização. Não precisamos seguir adiante na teoria freudiana. Vale apontar que a imagem do inferno serve a Unamuno para descrever onde a alma se encontra sem sua busca trágica pela imortalidade e pelo sentido das coisas.

Trilling coloca Freud, assim, ao lado dos românticos e seu mal-estar com a modernização. O caráter melancólico e noturno dos românticos estaria presente em Freud, ainda que fosse, talvez, mais preciso descrevê-lo como um positivista que, ao longo da carreira, foi se afogando na constatação da dimensão noturna da alma. Mas, afinal, o que é esse caráter noturno da alma, segundo Trilling, presente em Freud e nos românticos?

Arriscaria dizer que, apesar das distâncias no tempo e no universo de preocupações – Pascal viveu no século XVII, Unamuno, contemporâneo do Freud, viveu entre o XIX e o XX; Freud era um judeu ateu convicto, enquanto Pascal e Unamuno eram católicos –, os três autores partilham uma mesma rota noturna ou lunar no pensamento.

² Paul Claudel, *Conversation dans le Loir-et-Cher*. Paris, Gallimard, 1984.

³ Lionel Trilling, *A Imaginação Liberal*. São Paulo, É Realizações, 2015.

O historiador judeu romeno marxista Lucien Goldmann, radicado na França, século 20, no seu *Dieu Caché*,⁴ afirma que os jansenistas – Pascal foi um dos mais famosos entre os jansenistas do século XVII – foram um grupo de católicos próximos aos calvinistas, melancólicos e sombrios porque capturam o início do mal-estar com a modernização. Não seria, portanto, à toa que Pascal definiria a “psicologia humana” como sendo uma dialética infinita entre a angústia – “*ennui*” – e o divertimento – “*divertissement*”. Além disso, sem dúvida, foi ele o grande ancestral da filosofia da existência, filosofia esta criada por outro irmão de Unamuno, o dinamarquês Kierkegaard, que viveu no século XIX a falar de angústia e desespero. Todos, filósofos noturnos. Mas, o que vem a ser, finalmente, uma filosofia noturna ou lunar?

Uma primeira forma de entender tal adjetivação, um tanto poética, para uma disciplina como a filosofia, que gosta de se ver como a casa suprema da razão, é assimilá-la ao continente do irracionalismo. Seria uma espécie de recaída num mundo pré-racional ou antirracional. Mas, lembremos, bem ao gosto de Unamuno, que ao falarmos da filosofia como uma disciplina, estamos a falar, na verdade, de filósofos de carne e osso.

Como dizia o pensador basco espanhol, o que interessava a ele era a filosofia de homens de carne e osso, aqueles que, como Pascal, sentiam terror diante dos espaços escuros e infinitos do universo, sem a presença clara de Deus. Se o universo é um círculo cuja circunferência está em toda parte e o centro em parte alguma, e eu não sei por que nasci agora, antes ou depois, ou aqui ao invés de acolá, estou perdido, sem centro e sem limite claro, em meio ao infinito nada das coisas. Ainda assim, como um junco vergado pelo vento, sei o que sou, e nisso reside minha grandeza.

Uma filosofia lunar é um modo de fazer filosofia em que o centro nervoso que anima suas categorias e conceitos está fora do domínio da razão como coração da antropologia filosófica. Não que a razão não importe ou não a usemos como forma de expressão, mas, sim, que privilegiamos outras dimensões humanas que escapam a categorização racional, e que nem por isso são menos operativas nas construções de concepções filosóficas, antropológicas ou mesmo epistemológicas. Dito de forma sintética: uma filosofia lunar não reconhece o racionalismo como o senhor do castelo dos filósofos.

⁴ Lucien Goldmann, *Le Dieu caché*. Paris, Gallimard, 1955.

Alguns dirão que uma filosofia não solar – solar igual a luz da razão, iluminismo: as metáforas são evidentes – é uma filosofia depressiva e de pouco uso. Eu diria quase o contrário simétrico: o racionalismo esquece que nada é mais natural à razão do que saber seus próprios limites – Pascal. Como alguém pode dizer que a depressão seja de pouco uso para a filosofia quando ela é uma aproximação dura de uma verdade, às vezes, indesejável sobre si mesmo ou sobre o mundo? Aliás, algo muito próximo ao que dizia Freud sobre a relação entre melancolia e o conhecimento de si mesmo. E mais: já os gregos suspeitavam de que o temperamento melancólico seria mais dado à especulação filosófica.

Por isso Pascal dizia que, sem o divertimento, a alma seria inundada de desespero e angústia ao olhar para si mesma. Aí está o caráter lunar do seu pensamento. Mas, o encontraremos em outros momentos também, como alguns que já citamos acima.

Thomas Mann, no século XX, dirá no seu *Pensadores Modernos*⁵ que Schopenhauer, no século XIX, operou uma ruptura – na qual estarão Freud e Nietzsche – com a filosofia que aqui chamamos de solar, ao apontar para uma ontologia e uma antropologia filosófica doentes. A vontade cega, insaciável, louca, infinita, que constitui o ser das coisas, e, portanto, de nós mesmos, nos atravessa de modo incurável. O caráter lunar de uma filosofia surge ali onde percebemos a falha estrutural das coisas do mundo. A imperfeição estrutural das coisas, como dirá Kaplan, já neste século, acerca da dinâmica trágica da vida social, política e geopolítica. A imagem de que uma sombra cobre a realidade com a manta do desespero será consequência direta dessa ontologia noturna.

Do sentimento trágico da vida,⁶ de Miguel de Unamuno, é um clássico neste universo. A obra passará por alguns momentos em que o autor basco espanhol apontará para esse sentimento. Referir-se a Unamuno como “autor basco espanhol” é, apenas, reconhecer aquilo que para ele era essencial na sua condição. Segundo nosso autor, um basco – espanhol ou francês – será sempre alguém que viverá sua busca religiosa e espiritual em agonia – consciência agônica, como dirá Unamuno. Clara referência ao traço desesperado da cultura basca. Quando descreve o jansenismo do qual Pascal fazia parte, Unamuno dirá que seu fundador na França, Abbé de Saint-Cyran, era um basco francês, que como todo basco,

⁵ Thomas Mann, *Pensadores Modernos*. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.

⁶ Miguel de Unamuno, *Do sentimento trágico da vida*. São Paulo, Martins Fontes, 2019.

humilha a razão como método. Inácio de Loyola, outro basco espanhol, o fará, esmagando a razão na obediência cega da ordem por ele fundada – os jesuítas – e ao papa. Saint-Cyran, como todo jansenista, humilhará a razão na graça.

O sentimento trágico da vida, nos homens e nos povos, será essa busca desesperada pela imortalidade. “Não quero morrer”, como repetirá o autor. Unamuno dirá que o combate entre a razão e a fé é a dinâmica estrutural desse sentimento trágico em operação no continente religioso. Mas a razão aqui para Unamuno é uma razão que dissolve o próprio racionalismo, na medida em que a face da razão que interessa a Unamuno é a do ceticismo que mergulha as ideias claras e distintas de Descartes no abismo, abismo este em que o ceticismo desesperado abraça a fé agônica. Reconhecem-se irmãos. Por isso, para Unamuno é tão importante apontar a diferença entre a “dúvida de estufa”, nas palavras do basco espanhol, que é a dúvida metódica cartesiana, e sua dúvida, aquela de carne e osso que sangra.

A dissolução da razão, termos do próprio Unamuno, abre espaço para um otimismo da fé que só existe porque caminha sobre os escombros de um pessimismo ontológico de fundo. Só após a devastação realizada sobre a iludida luz da razão – operada pelo próprio ceticismo que habita uma razão desiludida de si mesma –, podemos começar a falar a sério sobre o que atormenta os homens de carne e osso.

Dito de outra forma, é sob a luz opaca da lua que enxergamos melhor as coisas que nos cercam. Enfim, só os cegos verão a Deus e ao mundo. Como dirá outro filósofo desta linhagem, este no século XX, Franz Rosenzweig, caminhamos entre o mistério e o milagre. A luz lunar ilumina sem apagar a presença do mistério nas coisas. Neste sentido, perfaz uma filosofia do “*esprit de finesse*” pascaliano, que, ao invés da geometria solar, opta pelos detalhes e pelas dobras do ser, que não respondem às ansiedades da lógica. Uma filosofia que caminha fora da estufa.

REFERÊNCIAS

CLAUDEL, P. **Conversation dans le Loir-et-Cher**. Paris, Gallimard, 1984.

GOLDMANN, L. **Le Dieu caché**. Paris, Gallimard, 1955.

MANN, T. **Pensadores modernos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2015.

TRILLING, L. **A imaginação liberal**. São Paulo, É Realizações, 2015

UNAMUNO, M. **Do sentimento trágico da vida**. São Paulo, Martins Fontes, 2019.



